



## FENPROF confirma que “professores vivem uma situação asfixiante”

Os professores vivem uma “situação asfixiante”, que está a provocar o abandono precoce da profissão por parte de muitos docentes desanimados com as condições de trabalho, disse ontem o secretário-geral da FENPROF, Mário Nogueira. Em declarações à Agência Lusa, o dirigente da Federação Nacional de Professores (FENPROF) comentou desta forma um estudo avançado ontem pelo Público, de acordo com o qual quase dois terços dos docentes do pré-escolar e dos ensinos básico e secundário admitem estar cada vez menos motivados para o trabalho.

“Este estudo vem confirmar aquilo que andamos a dizer há algum tempo. Neste momento aquilo que se sente na sala de aula dos professores é um desânimo, é uma desmotivação estranha”, apenas compensada pelo trabalho com os alunos, afirmou Mário Nogueira. O estudo é da Universidade do Minho e começou a ser feito na anterior legislatura, traçando o retrato de “uma escola burocrática onde os docentes se sentem cada vez menos realizados”.

“Leva a que muitos (professores) cheguem, mais rapidamente do que seria desejável e expectável, a pontos de saturação tal que se vão embora”, referiu o dirigente sindical. Para Mário Nogueira, a prova da insatisfação é que milhares de professores, “com cortes muito grandes no cálculo das suas pensões”, abandonaram precocemente a profissão. “Não é por acaso que milhares de professores pediram a rescisão dos seus contratos. Segundo o ministério, em pouco mais de um mês, mais de 2.000” docentes, acrescentou.

O sentimento de insatisfação dos professores agudizou-se desde 2009, data a que se reporta o estudo que foi apresentado ontem.

Nas conclusões são identificadas duas grandes tendências: a intensificação e a burocratização do trabalho dos professores, bem como a precariedade laboral e o empobrecimento dos docentes. Os números apurados são elucidativos: 61,6% admite que a sua motivação tem vindo a diminuir, desde 2009.

No mesmo sentido, 45,5% dos professores inquiridos consideravam que a sua motivação era moderada, ao passo que 17,4% a consideravam baixa, havendo um grupo que admitia ser muito baixa (5,4%).